

LUIS FELIPE TEIXEIRA DE SALLES FREIRE

A Relação Pedagógica no Fórum Permanente de Cultura em Alto

Paraíso

SÃO PAULO

2010

LUIS FELIPE TEIXEIRA DE SALLES FREIRE

**A RELAÇÃO PEDAGÓGICA NO FÓRUM PERMANENTE DE
CULTURA EM ALTO PARAÍSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a aprovação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Vitória Helena Cunha Espósito – Grupo de Pesquisa Educação e Produção do Conhecimento – Cátedra Joel Martins – e co-orientação da Prof.^a Suzana Filizola Brasiliense Carneiro.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

SÃO PAULO

2010

FREIRE, Luis Felipe Teixeira de Salles.

A relação pedagógica no fórum permanente de cultura
em Alto Paraíso. Luis Felipe Teixeira de Salles Freire

Trabalho de Conclusão de Curso –PUC – São Paulo,
2010.

1. Relação pedagógica
2. Cultura
3. Diálogo
4. Oficina

LUIS FELIPE TEIXEIRA DE SALLES FREIRE

**A RELAÇÃO PEDAGÓGICA NO FÓRUM PERMANENTE DE
CULTURA EM ALTO PARAÍSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pedagogia
da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Aprovado em 29/11/2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Vitória Helena Cunha Espósito

Prof.^a Suzana Filizola Brasiliense Carneiro

Prof.^a Mônica Ulson Brandão Teixeira

Agradecimentos

Agradeço à minha Mãe e ao meu Pai pela vida e pelo exemplo que me fornecem.

Agradeço à minha irmã por ser sempre inspiradora.

À todos os meus amigos que me incentivam nos momentos difíceis.

Obrigado.

Resumo.....	6
Introdução	7
Objetivo da Pesquisa.....	13
Metodologia.....	13
Coleta de Dados	14
Perguntas para o educador:	14
Perguntas para o educando:	15
Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire	18
Análise dos Dados.....	27
Análise do Discurso: Sujeito A	27
Análise do Discurso: Sujeito B	31
Discussão.....	33
Considerações Finais.....	38
Bibliografia	39
Anexos	40
Entrevista sujeito A.	40
Entrevista sujeito B.	44

Resumo

Esta pesquisa busca compreender como ocorrem as relações pedagógicas estabelecidas em um Fórum Permanente de Cultura. Para isto, realizou uma pesquisa teórica a partir da bibliografia de Paulo Freire e duas entrevistas realizadas com participantes do Fórum Permanente de Cultura em Alto Paraíso. Foram entrevistados um educador e um educando de duas oficinas diferentes que foram realizadas pelo Fórum do município. A metodologia foi elaborada a partir do referencial fenomenológico-existencial, e realizou uma análise qualitativa dos dados coletados. A partir das análises qualitativas das entrevistas e dos dados levantados foi feita uma discussão sobre como a bibliografia e os discursos dialogam entre si, mostrando suas semelhanças e particularidades. Ao final do estudo foram feitas algumas considerações a partir do desenvolvimento do trabalho.

Introdução

Este trabalho é extremamente importante para mim, não apenas por questões acadêmicas. Ele se confunde com a minha história pessoal. Visito freqüentemente o município de Alto Paraíso de Goiás e lá possuo grandes amigos que me mostraram um mundo diferente, com mais harmonia entre os seres humanos e o meio-ambiente. Em uma destas oportunidades, pude participar da primeira reunião para organizar o primeiro encontro onde o Fórum Permanente de Cultura do município seria proposto, e comecei a conhecer esta interessante proposta de disseminação e fortalecimento da cultura popular local.

Durante a minha vida acadêmica pude conhecer um pouco sobre o trabalho e a teoria elaborados por Paulo Freire. O contato durante este período sempre foi pouco, com alguns textos e vídeos, mas nunca tive a oportunidade de ler suas obras mais importantes, que falam sobre o seu pensamento radical diante da sociedade em que viveu. Diante desta situação, sempre desejei ter uma oportunidade para conhecer melhor o trabalho deste importante intelectual brasileiro. Neste trabalho tive a oportunidade de concretizar este desejo a partir de uma experiência pessoal. Portanto, entrar em contato com o trabalho do Fórum foi algo muito importante.

O Fórum Permanente de Cultura é uma ação realizada pelo Ministério da Cultura para disseminar e fortalecer a cultura popular nos municípios brasileiros, o Fórum Permanente de Cultura em Alto Paraíso realiza atividades importantes que disseminam práticas culturais populares características da região onde se encontra, proporcionando o diálogo entre sujeitos de faixas etárias distintas que mantêm viva a cultura popular local. Ele possui uma importante peculiaridade, porque foi proposto por um membro da câmara municipal dos vereadores, assim, ele possui uma articulação

importante com o governo municipal. Em outros locais ele é realizado como iniciativa da população sem relação com a administração pública. Estas atividades realizadas possuem um óbvio aspecto pedagógico, tendo em vista que pretendem ensinar um conhecimento para outros sujeitos através da realização de oficinas que são ministradas pelos próprios membros da comunidade, no entanto, a atividade educativa nem sempre é feita a partir de um diálogo verdadeiro que respeite todos os sujeitos envolvidos e, a partir do contato com a teoria de Paulo Freire, consideramos ser importante que o diálogo faça parte de um processo educativo social.

Toda atividade educativa exerce influência na sociedade em que ela ocorre, entretanto, nem sempre este aspecto é percebido ou descrito, porque muitas vezes, os conteúdos são apresentados como se fossem independentes da realidade em que estão inseridos. Neste trabalho tivemos a oportunidade de conhecer uma atividade educativa que vai em direção contrária desta realidade porque não pode ser separada do ambiente social: a aprendizagem de uma atividade cultural. O objetivo é exatamente fortalecer a cultura popular, algo que só pode ser vivido junto com outros sujeitos, portanto, é uma atividade social. O aspecto social da educação não-formal, já se inicia na formulação da proposta para seu acontecimento, mas se desenvolve em uma relação entre dois sujeitos com objetivos distintos, um está lá para ensinar, o outro para aprender. No entanto, iremos refletir com a teoria de Paulo Freire se estes papéis são fixos e o que um professor comprometido com o processo de ensino-aprendizagem, deve se dispor a aprender com àquele que ensina.

O Fórum pode ser o espaço que proporciona e fortalece este encontro, existe a possibilidade que suas atividades promovam oficinas que proporcionem uma interação entre os sujeitos participantes, portanto, conhecer esta experiência pode ajudar a criar, fortalecer e transformar outras experiências semelhantes, que trabalhem com disseminação cultural popular e/ou com uma atividade educativa realizada em

qualquer espaço de ensino e aprendizagem. Através deste trabalho, poderemos verificar se as relações pedagógicas estabelecidas em um ambiente não-formal de educação, são diferentes ou semelhantes às relações descritas por Freire, que diz:

“Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras.” (Freire, 1970, p. 65)

Aqui ele demonstra que as relações de ensino e aprendizagem possuem um padrão importante, elas são narrativas. Esta narração à que ele se refere é uma forma de relação que não exerce o diálogo, deste modo, é uma transmissão de conhecimento que apaga a vida do educando porque o coloca à margem do processo de produção de conhecimento, e o reduz à mero espectador da fala realizada pelo educador. Este, ao chegar com o saber pronto para ser absorvido pelo educando, retira-o a condição de ser humano, capaz de atuar neste processo de construção de conhecimento a partir da relação que estabelece com o seu educador. Quando o saber chega pronto, ele aparenta ser algo estático e formatado e o educando perde sua condição humana, torna-se mero objeto capaz de armazenar um conteúdo que foi produzido por outros, como um fichário. O Fórum Permanente de Cultura em Alto Paraíso talvez consiga transformar esta relação necrófila, e por isto buscamos compreender a dinâmica que ocorre neste ambiente. O trabalho com arte e cultura pode ajudar o processo de identificação entre os sujeitos, aproximando-os, e criando uma nova identidade, diferente da que existe entre os oprimidos, mas também, diversa da que existe entre os opressores, desta maneira se fortalece a possibilidade da existência de uma liberdade verdadeira, onde não existe a dicotomia opressor-oprimido, isto ainda pode ser relacionado com um processo artístico que talvez permita a criação de novos desejos que resgatem a potencialidade do ser humano de ir além da realidade opressora em que ele vive.

Buscamos compreender se o Fórum Permanente de Cultura em Alto Paraíso é capaz de estabelecer relações diferentes entre os seus sujeitos e buscamos perceber se os conceitos estabelecidos por Paulo Freire acontecem no cotidiano dos sujeitos que ele descreveu como oprimidos ao exercerem uma atividade que permita uma relação de ensino e aprendizagem. O Fórum Permanente de Cultura em Alto Paraíso é um instrumento que pode fortalecer a cultura popular, e possibilitar a existência da cultura oprimida, que não possui instrumentos de disseminação em massa, e pode permitir ao dominado ser capaz de lidar com as responsabilidades de suas ações, ao criar forças e alternativas que mudem sua condição.

A cultura popular é disseminada através do encontro entre dois sujeitos ou em eventos realizados em municípios e comunidades, é neste contexto que eles podem deixar de ser espectadores do processo sócio-histórico e tornarem-se seres atuantes, capazes de ações significativas que transformem a realidade onde vivem. Isto talvez seja possível quando se estabelece um verdadeiro diálogo entre eles, movimentando suas consciências em direção a uma ação verdadeiramente transformadora.

A cidade de Alto Paraíso de Goiás possui cerca de 5 mil habitantes, e o desenvolvimento local contemplou um perfil variado de sujeitos que migraram para o município, permitindo uma mistura entre a população tradicional do estado de Goiás e migrantes de outros estados com um cultura diferente. Seus moradores possuem pequenas organizações políticas, e as instituições que podemos lá encontrar, apresentam aspectos comuns a maioria dos municípios brasileiros (Câmara dos Vereadores, Associação de Indústria e Comércio de Alto Paraíso, Associação de Moradores).

O tema da cultura está intrinsicamente ligado à educação, e sua discussão já envolve a educação proposta por Paulo Freire por muito tempo, sendo vista como uma forma particular onde o ensino e a aprendizagem podem se desenvolver:

“No círculo da cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica de grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo.” (Freire, 1970, p. 10)

Aqui ele fala um pouco sobre a técnica que desenvolveu para alfabetização de adultos e denominou “círculo da cultura”, apesar de ser uma técnica de ensino, podemos perceber que a disseminação cultural é vista como um processo educativo que não obedece às regras presentes no ambiente escolar tradicional, o papel do educador é menos preponderante para o processo de ensino e aprendizagem e no diálogo, ele deve permitir que seus educandos se relacionem entre si e dialoguem entre eles mesmos, favorecendo uma dinâmica de grupo onde o educador esta inserido no grupo e atua junto com ele, sem realizar intervenções a partir de um ponto de vista diferente, considerado mais importante do que os dos outros participantes da oficina.

O Fórum talvez permita uma nova forma de produção de conhecimento, que pode ser considerada radical, se confrontada com o método tradicional de ensino, porque o conteúdo da oficina é concreto, assim como o seu resultado, o que permite uma relação diferente entre objetividade e subjetividade, diminuindo o risco de se confundir este método radical com uma concepção subjetivista:

“Por outro lado, jamais será o radical um subjetivista. É que, para ele, o aspecto subjetivo toma corpo numa unidade dialética com a dimensão objetiva da própria idéia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade sobre a qual exerce o ato cognoscente. Subjetividade e objetividade, desta forma, se encontram naquela unidade dialética de que resulta um conhecer solidário com o atuar e este com aquele. É exatamente esta unidade dialética que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la.” (Freire, 1970, p. 27)

A partir desta idéia exposta por Freire, podemos perceber que esta nova relação entre objetivo e subjetivo, permite uma atuação sobre a realidade que fortalece

a capacidade do sujeito de transformá-la através do ato de conhecer. Isto humaniza o aprendiz, e o torna um sujeito capaz de mudar a sua condição e a condição dos outros que o cercam, influenciando de forma consistente sobre o mundo em que vive, a partir de uma atividade que ele relaciona com a sua realidade e história. Neste trabalho buscamos compreender se isto ocorre na prática do Fórum Permanente de Cultura.

Talvez, neste contexto onde o ser humano pode ser respeitado, possamos descobrir uma forma de atuar no mundo que abra espaço para o amor e construa um mundo mais amável.

Objetivo da Pesquisa

O objetivo desta pesquisa é compreender como se desenvolveu a relação pedagógica no Fórum Permanente de Cultura em Alto Paraíso, e investigar como as experiências individuais podem fortalecer culturas locais, através de encontros significativos, que pretendem construir uma história individual junto com uma história coletiva.

Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa com fundamentação fenomenológico-existencial hermenêutica. Está dividida em duas partes: uma pesquisa teórica e uma pesquisa de campo. A pesquisa teórica consistiu em pesquisar livros de Paulo Freire para que pudéssemos conhecer um pouco sobre sua teoria e sobre o modo como desenvolveu seu pensamento acadêmico, o resultado desta pesquisa foi a elaboração de um capítulo teórico que aborda sua teoria e seu modo de ver o mundo. Outra razão para esta pesquisa teórica, é que a partir dela podemos comparar o discurso realizado por ele com os sujeitos que participaram da pesquisa de campo, fornecendo mais dados para a análise e para a discussão que foram realizadas posteriormente neste trabalho. O pensamento de Paulo Freire é profundamente enraizado no pensamento fenomenológico, portanto, conhecer seu modo de pesquisar e conhecer é extremamente importante para que este trabalho seja coerente por todo o seu caminho. Pesquisar, na sua visão de mundo, é indissociável de ensinar, e implica uma revisão constante do sujeito que pesquisa: “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho,

intervindo educo e me educo.” (Freire, 1996, p. 29) Suas palavras sustentam que ensinar, buscar, constatar e intervir, são necessários para o processo de ensino e pesquisa. Seguir este caminho é necessário para a atuação de uma nova forma de curiosidade de um pesquisador, portanto, na construção deste trabalho, buscamos realizar um caminho que tornará nossa curiosidade, uma autêntica curiosidade epistemológica.

Coleta de Dados

Na pesquisa de campo foram realizadas duas entrevistas qualitativas a partir de um questionário semi-dirigido que buscou compreender a experiência vivida pelos sujeitos durante a oficina e proporcionar um relato para ser analisado formando categorias, que evidenciem o que existe de significativo para os sujeitos envolvidos, durante a experiência vivida no fórum.

O objetivo do questionário é estimular o sujeito a descrever sua experiência durante a oficina. Cada questionário possuía uma questão geradora, para investigar o foco principal desta pesquisa: como acontece a relação entre o educando e o educador durante uma oficina. Apresento aqui o questionário que foi preparado para entrevistar o oficineiro:

Perguntas para o educador:

- Qual oficina você realizou?
- Como foi sua relação com os seus educandos/aprendizes?
- Como você percebeu o seu trabalho?

A primeira pergunta busca conhecer qual o tema trabalhado pelo oficinairo e o material que utilizou, a possibilidade de se referir aos educandos como aprendizes veio a partir de uma conversa com alguns organizadores das oficinas que disseram utilizar esta terminologia. A segunda pergunta é a questão geradora deste questionário, e caso não for o suficiente para estimular uma resposta do sujeito, será repetida de outras formas, para estimular com que ele fale o máximo possível sobre este tema. A terceira pergunta busca compreender o sentido que o trabalho possui para ele, portanto, busca investigar o modo como ele se relaciona com o ato de ensinar e como percebe as conseqüências da relação que estabelece com o educando e tem a intenção de coletar dados que podem aproximar a prática realizada com a teoria de Paulo Freire que fundamenta este trabalho.

Perguntas para o educando:

- Qual oficina você participou?
- Você lembra o nome do oficinairo?
- Você já conhecia alguma coisa sobre o tema?
- Como foi sua relação com o educador?

A primeira pergunta buscou compreender qual tema o sujeito escolheu para aprender e/ou realizar. A segunda pergunta se referiu ao educador como oficinairo a partir da conversa citada com os organizadores das oficinas, e buscou obter dados importantes sobre a relação que ele estabeleceu com o seu oficinairo, porque o nome é uma forma de indicar que o outro foi reconhecido como ser humano e não apenas pelo papel que desempenhou. A terceira pergunta busca investigar qual a relação do

sujeito com o tema que aprendeu. A quarta pergunta é a pergunta geradora deste questionário, que deve ser reformulada e repetida caso o sujeito não discorra muito sobre o tema na fase inicial ou final da entrevista.

A primeira entrevista foi realizada com um oficineiro denominado, neste trabalho, de sujeito A, em sua casa. Seu perfil é muito diferente do que encontramos no ensino tradicional, A nunca foi à escola e já possui 70 anos. No entanto, é considerado um importante líder espiritual para algumas pessoas da cidade, apesar de não possuir um conhecimento tradicional. Ele realiza a oficina de capim dourado, onde são feitos chapéus de palha de dois diferentes tipos, um deles parece uma cartola, enquanto que o outro tem um estilo mais oriental. Esta oficina ocorre apenas durante os encontros proporcionados pelo Fórum, assim o espaço fornecido por ele estimula o encontro entre diferentes pessoas que não haviam se encontrado antes.

A segunda entrevista foi realizada com um participante de uma oficina de capoeira, chamado neste trabalho de sujeito B. Esta oficina possui um contexto diferente da oficina de capim dourado. Ela já era realizada antes da existência do Fórum, assim a influência do Fórum no encontro dos participantes possui um significado diferente.

Seguindo a orientação fenomenológica, as categorias foram encontradas a partir da análise do discurso realizado pelos sujeitos e buscou compreender como eles viveram experiência da oficina.

Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire

Para compreender o contexto, e a forma como ocorreu o desenvolvimento da pedagogia no Brasil, estudar Paulo Freire é algo indispensável. Suas reflexões são fundamentais para a produção teórica realizada aqui, devido a sua história pessoal e acadêmica. Seu pensamento se desenvolveu a partir do contexto sócio-histórico em que viveu, portanto, seus textos não possuem apenas reflexões teóricas, mas também importantes informações sobre a realidade que ele encontrou ao realizar sua atividade como docente. Sua prática profissional e o pensamento que desenvolveu não ficaram inscritos apenas em ambientes considerados comuns para a educação, ele também realizou uma importante reflexão filosófica, até aqui, apenas constato algo que muitos outros sabem:

“Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa idéias, pensa a existência. É também educador: existencia seu pensamento numa pedagogia em que o esforço totalizador da práxis humana busca, na interioridade desta, retotalizar-se como “prática da liberdade”.” (Fiori apud Freire, 1970, p. 7)

O autor deixa isto bem claro ao falar da pedagogia como algo que envolve toda atividade humana e que ao se aprofundar nesta atividade, busca transformar sua prática na direção da liberdade. Esta é a primeira frase do prefácio de seu livro mais conhecido: “A pedagogia do oprimido”, e podemos perceber que além de um grande educador, ele também foi um importante intelectual que não limitou suas idéias apenas ao campo da educação, ele também pensou a existência humana e sua complexidade, permitindo que sua teoria extrapolasse o campo da pedagogia. Construiu um modo de ver o mundo próximo com o da filosofia existencialista e percebia o ser humano como inconcluso e por isto em um constante processo de busca, ele é aberto e suas possibilidades não se restringem ao que executa no presente. O ser humano sempre

pode criar algo além, isto o faz criativo e em constante transformação, o que abre a possibilidade de constantemente mudar o seu modo de atuar no mundo, ou seja, ele tem a constante habilidade de alterar o seu futuro a partir das ações que realiza no presente. Este modo de perceber o ser humano e a educação, tornou possível visualizar uma transformação da realidade opressiva que o povo brasileiro encontra até os dias de hoje. Diante desta questão ele considerou necessário identificar qual o seu ponto de vista ao observar e falar, saber seu ponto de vista é educar com consciência, e permite uma relação dialética na construção de um saber, porque quanto mais o sujeito pensa, mais ele transforma o seu fazer. Como educador coerente ele nunca escondeu qual era o seu: “O meu ponto de vista é o dos “condenados da Terra”, o dos excluídos.” (Freire, 1970, p. 14)

Sua reflexão sobre a realidade levou-o a perceber a existência de sujeitos na sociedade que não conseguem existir como seres humanos, e que não podem exercer nenhuma forma de poder, seu destino é apenas se submeter ao poder dos outros. A partir disto realizou a descrição dos sujeitos que definiu como oprimidos, para isto, levou em conta o contexto social que estão inseridos e como ocorre a formação da identidade individual e coletiva dentro desta realidade opressora. Estes sujeitos vivem um comportamento repetitivo de opressão, portanto, de desrespeito contínuo com o seu corpo e agressões verbais que o tiram a condição de ser mais. Esta experiência degradante produz uma contradição dentro do oprimido, ele admira o seu opressor, a sua forma de agir e de se comportar, tornando justificável a sua superioridade. Esta não é a única consequência desta relação sádica, ao ser incapaz de dirigir suas frustrações para o opressor, e de poder usar a mesma força à qual é submetido, ele agride seus semelhantes, tornando o grupo ainda mais instável e incapaz de perceber a importância de respeitar o outro para fortalecer o grupo, e todos juntos mudarem sua condição de subordinados. Ele constatou que a partir desta relação contínua, os

sujeitos oprimidos se tornam divididos dentro deles, e também fragmentam o grupo no qual estão inseridos, enfraquecendo sua possibilidade de luta política.

As observações atentas de Paulo Freire chamaram atenção para um fato, que pode parecer incoerente, o oprimido tem medo de libertar-se. A relação dominadora, torna-se, portanto, uma relação de dependência que fornece um estranho conforto, pois ao deixar os papéis bem definidos entre os sujeitos, reduz a angústia de existir dos dominados que não precisam criar seu próprio destino e lidar com as questões existentes nesta autonomia. Isto torna importante uma nova prática educativa, que quebre esta estrutura de poder, onde quem aprende o faz a partir da escuta, e a partir da ação verdadeira, construir esta nova prática pedagógica foi um dos seus principais objetivos:

“A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade.” (Freire, 1970, p. 34)

Para ele, era fundamental estimular os sujeitos que ele chamou de oprimidos, à valorizarem a sua realidade popular, criando uma nova identidade, carregada de auto-estima e força, porque faz parte da história popular coletiva e individual, e faz parte da cultura popular cotidiana, ele considera que esta luta não acaba. Isto propicia um resgate e, ao mesmo tempo, uma reconstrução do cotidiano individual e coletivo, através de relações significativas estabelecidas no ambiente escolar ou em algum outro ambiente que possua relações de ensino e aprendizagem.

Compreender o diálogo é fundamental para compreender a concepção educativa de Paulo Freire. Dialogar implica em escutar e em reconhecer, ou seja, perceber o outro como um ser humano capaz, com intenções, desejos, história e dificuldades. Nesta concepção, não é possível exercer o diálogo sem exercer o

respeito ao outro, permitindo que este se expresse, se coloque, e confie no outro que está dialogando com ele.

A consequência do diálogo verdadeiro é que o respeito entre os sujeitos acontece, e o educador, ao ter uma postura coerente entre discurso e prática, passa a se aproximar ainda mais do seu educando, porque este passa a confiar nele não apenas pelo conhecimento teórico, mas também pela sua postura como ser humano.

Para ele, era necessário que o educador se assumisse como tal, pois ao fazer isto, o educador se assume como ser humano, que respeita o outro através de gestos e palavras que fazem desta relação horizontal, entre dois seres humanos com potencialidades iguais, mas de individualidades completamente distintas, sendo, ao mesmo tempo, diferentes. O educador que se assume neste papel, transforma sua consciência e possibilita que ele transforme também o seu educando através de uma relação momentânea. Nesta possibilidade, o gesto de um educador pode durar para sempre no educando e assumir a esperança em ensinar, fortalece o constante processo de busca que se estabelece em uma relação pedagógica, para que ela se desenvolva é necessária uma postura curiosa, não ingênua, mas crítica, que torna a esperança uma busca ativa e desvele sua relação com a abertura humana. Neste contexto a transitividade entre os papéis, que desmonta a relação pedagógica tradicional, é um processo constante de criação. Isto desvela outra óbvia relação, a esperança fortalece a criatividade.

Para Paulo Freire, o processo educativo é um processo fundamentalmente humano, onde o conhecimento é construído a partir de uma relação dialógica que envolva cuidado, respeito e ética entre todos os envolvidos, sendo responsabilidade do educador fazer com que estes valores não se percam. Para descrever o processo educativo tradicional, elaborou o conceito de “educação bancária”, onde o conhecimento é apenas transmitido para o educando e este deve absorver as

informações sem questionar, o que o reduz à mero espectador, tornando-o um objeto do processo de ensino, porque não é capaz de exercer atividades básicas para qualquer sujeito: a participação e o diálogo. Neste contexto o educador mantém uma postura rígida, com idéias fixas e invariáveis, que julga o valor da sua existência a partir da sua idéia de que os educandos são ignorantes, e que precisam dele para se transformar, caso contrário, nunca serão capazes de serem inteligentes. Esta visão retira do educando a possibilidade de viver sua autonomia e permitir esta experiência é uma atitude de respeito e amor com os educandos, a partir de uma postura ética do educador-educando, que estimula, e aceita a vocação ontológica do ser humano de ser mais. Para colocá-la em prática é necessária uma profunda reflexão sobre a prática educativo-crítica, e, nas condições reais de autonomia, o educador se coloca ao lado do educando, sua postura é de estar junto com ele na tarefa de descobrir o mundo. Esta tarefa, realizada de forma coerente, implica em incentivar ao educando o pensamento curioso, em discordar do educador e construir uma postura que não se conforma com a primeira impressão, e precisa ir mais fundo.

Esta relação dialógica permite que o educando insira o seu conhecimento prévio, a sua visão de mundo, na construção de um novo conhecimento a partir das informações trazidas por seu educador-educando. Isto acontece, porque é precisamente através do diálogo que a contradição entre educador e educando pode ser superada, permitindo que estes papéis se transformem durante a relação e transitem de um sujeito para o outro. Portanto, educar é ampliar a visão de mundo do educando-educador, pois não implica em esquecer o que foi vivido até então. O conhecimento produzido na relação entre o educador e o educando é, na maioria das vezes, tão importante quanto o que foi produzido na vida cotidiana e nas relações com os outros sujeitos que não possuíam o objetivo específico de educar.

Esta postura, em qualquer ambiente, é uma forma de pesquisa, porque busca conhecer o universo do educando. Assim, a pesquisa é uma expressão desta autonomia de pensar que resulta em um novo modo de enxergar o mundo, é uma reflexão conjunta realizada por sujeitos, que podem questionar a realidade em que vivem, a si mesmos, e ao conhecimento já estabelecido. É através desta pesquisa que a curiosidade do educando pode deixar de ser ingênua para se tornar crítica, verdadeira curiosidade epistemológica, e possibilidade real de se constituir em práxis, porque se torna ação a partir de uma reflexão profunda que desvela e descodifica o mundo cotidiano.

No seu ponto de vista, a escola também deve ser capaz de integrar este diálogo na construção do seu projeto pedagógico, para que isto se concretize ele elaborou uma proposta interessante para o processo educativo: o conteúdo programático deve ser discutido com os educandos. Esta atitude é diferente da postura descrita na educação tradicional, e expõe como, em sua opinião, o diálogo coerente que deve ser colocado em prática durante todos os momentos possíveis. Foi assim que norteou todas as suas propostas pedagógicas e desenvolveu uma técnica para alfabetização de adultos a partir da elaboração de temas geradores, foi através do diálogo com seus educandos que pode perceber quais temas eram significativos em suas vidas e como eles enfrentavam as situações que definiu como: situação-limite. De acordo com ele, estes acontecimentos são ocorrências graves onde o verdadeiro revolucionário e o povo devem se unir para transformá-las, porque são situações de grave violência contra o povo oprimido, como por exemplo: o subdesenvolvimento. Para que esta transformação ocorra, ele propôs uma investigação realizada em grupo, formado por educadores e educandos, onde se constitui o “círculo de investigação temática”, neste espaço todos podem participar na investigação sobre como os temas geradores que se encontram na situação-limite e

como a transformação da percepção do tema, impulsiona uma nova atitude diante dele, mais consciente, mais crítica e com mais esperança de transformação, a partir da descodificação conjunta dos significados presentes nesta realidade opressora.

Realizando estas etapas, a ação pode se transformar em práxis, fundamental para que este processo dialógico ocorra. De acordo com Freire: “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos.” (Freire, 1970, p. 42). Sem ela é impossível que ocorram as transformações que ele propõe, porque sem a práxis, não existe um quefazer consciente, fundamentalmente distinto do praticado pela educação bancária. Executar uma transformação social sem a práxis é apenas manipular o povo na direção mais conveniente, porque ele não se apropria do sentido de suas atitudes.

Seu pensamento tem marcas do tempo de trânsito que viveu a sociedade brasileira com o golpe militar e sua transição democrática. Esta história brasileira repete o que sempre foi feito desde os tempos do império que tornou a sociedade “fechada” para o diálogo. Uma sociedade paternalista e assistencialista, que desta forma retira do povo a sua responsabilidade sobre a transformação de sua condição humana. Esta transitividade ele chamou de ingênua, sendo seu objetivo transformá-la em transitividade crítica, com efetiva participação do povo e transformação das consciências através da integração verdadeira à este processo porque a democracia brasileira se formou a partir do modelo europeu sem nenhum respeito às nossas características locais. Paulo Freire fala muito sobre o não aceitar a ideologia neoliberal fatalista, onde os males do mundo são inevitáveis ao desenvolvimento e que proclama o fim da história, do sonho de transformação. Isto retira o aspecto político da educação, e rotula o educador que ainda acredita nestes temas, de “baderneiro.”

A educação bancária é a manifestação da cultura opressora no ambiente educativo, no entanto esta cultura possui outras formas de se expressar, por exemplo,

através da invasão cultural, que é uma forma da ação antidialógica se manifestar. Freire diz: “Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhe freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão.” (Freire, 1970, p. 173) Ele demonstra que a invasão cultural desrespeita a potencialidade do ser humano invadido, porque não permite que ele construa a sua visão de mundo e retira a condição de ser humano dos invadidos, que se tornam objetos e armazenam dentro deles os valores dos invasores. Esta introjeção de valores transforma o modo de ser dos invadidos, eles querem ter o mesmo comportamento, utilizar os mesmos objetos e as mesmas roupas, eles se identificam com o invasor, e abrem mão da sua identidade regional, por outra que não faz parte da sua história. Este processo parece ser uma escolha individual e coletiva, pois o dominado abre mão dos seus valores, no entanto, faltam a eles perceber que esta escolha é imposta precisamente por sua falta de escolha. Explorados pelo trabalho e por condições de vida subhumanas, eles não conseguem se relacionar com os seus iguais, conhecer sua própria cultura, e enxergam na cultura dominante, sua única possibilidade de existir. Esta invasão não conhece limites físicos dentro da cultura dominada, por isto mesmo, se faz presente também em todos os espaços de ensino.

A estrutura dominante se faz presente no comportamento dos opressores e dos oprimidos, é isto que a faz tão forte, porque se torna impessoal e se transforma em um modo de vida cotidiano que é necrófilo. É papel da pedagogia transformar esta realidade e mudar este sentido fundamental que influencia todas as ações no sentido da vida, da biofilia. Ele nos fornece uma imagem de como isto pode ocorrer. Através do inacabamento do ser humano, que cria um suporte sobre o mundo ao redor, que esta estrutura necrófila se faz existir. Quando o ser humano desfaz a barreira entre o suporte e o mundo, através de um ato coerente entre sua mente e suas mãos, este

suporte se transforma em mundo, a biofilia se faz presente através de uma vida que agora existe.

A ação dialógica não produz uma invasão cultural, o seu resultado é uma síntese cultural, onde todos são atores do processo de produção de cultura, e portanto, exercem plenamente sua humanidade, através do respeito mútuo e de uma ação que é verdadeiramente transformadora. “Na síntese cultural, onde não há espectadores, a realidade transformada para a libertação dos homens é a incidência da ação dos atores.” (Freire, 1970, p. 209) A síntese cultural favorece a criatividade, pois estimula a consciência dos participantes. A libertação não se dá fora da práxis. Ação dialógica é um processo de troca, onde não existe uma atitude que seja exclusiva de um sujeito, é através dela que a co-laboração se faz presente e se instala como práxis que permite uma libertação verdadeira, onde todo o povo é capaz de compreender o sentido de sua luta e de suas ações, isto torna o sujeito capaz de existir com o outro em uma relação de troca que possui inquestionável respeito, pois não é um movimento alienante, mas uma nova consciência que se produz.

Análise dos Dados

Análise do Discurso: Sujeito A

O tempo total da entrevista foi de 15 minutos, com falas calmas e pausadas, e aqui separamos algumas frases que dizem respeito ao tema deste trabalho. A ordem das frases respeita a cronologia do discurso inicial, isto permite que possamos reproduzir parcialmente o discurso da entrevista. O aspecto humano é o primeiro a ser abordado:

“As minhas oficinas, em primeiro lugar, eu viso o lado humano. Primeiro lugar, o convívio um com o outro porque nós “samos” um só em corpos “diferente” e a convivência, eu vejo sempre o produto, o lucro, resultado de uma vivência entre pessoas, formando novas “antropologia”, dando oportunidade o cidadão de se expressar e conviver nova cultura, modelos com cultura...”

Esta fala demonstra o principal objetivo das oficinas: o convívio humano. Ele enxerga sua oficina como uma oportunidade para experimentar este convívio e formar uma nova cultura que seja diferente da lógica do lucro e do produto. Esta vivência diferente, não deve ser realizada de qualquer maneira:

“Então, em primeiro lugar, ser autêntico.”

Aqui ele reforça a importância da postura humana em seu trabalho, colocando a expressão “em primeiro lugar” ele reforça que isto é mais importante que o produto

final da oficina, o chapéu. A autenticidade orienta o processo vivido, ela vem antes do trabalho manual e pode permear a convivência humana que se estabelece entre os praticantes. Ela permite a vivência de algo diferente do que é vivido fora da oficina.

“No pacote atual, o horário é estressar. Costurar o anti-horário é acalma-se, a paciência, a tolerância. Então, tanto o elemento na sua... conjunto motor de interagindo com as mãos, mas também consciente do exercício de trabalho que está fazendo.”

A lógica da sua oficina é diferente da lógica comum. Esta nova possibilidade é vivida através de um novo movimento que vai no sentido anti-horário. Isto é realizado de forma consciente e permite que o sujeito experimente esta nova lógica, onde ele vive a paciência e a tolerância. Isto permite que se estabeleça uma relação de proximidade entre os participantes:

“É olho no olho e sentindo a pessoa como eu, aprendendo com ele, que tudo é interação, nas minhas oficina, não existe professor, existe assim, aprendizes sempre massageando o aprendiz. Aí é quando eu me torno não professor, mas um massagista de aprendizados.”

A interação na sua oficina é volátil, o papel de professor não é rígido e o saber não é visto como algo que pode ser agarrado, ele é massageado. Isto ocorre através de uma relação de respeito que envolvem gestos de respeito como olhar “olho no olho”. O papel do professor deixa de ser necessário e ele executa a mesma ação dos seus aprendizes, eles massageiam juntos o aprendiz. Isto caminha junto com uma nova linguagem:

“A oficina falando em metáforas, gero metáforas, são os novos paradigmas ou parad... para a sociedade humana atual para... novo paradigma onde valoriza mais, onde você não precisa de usar austeridade com ninguém, que a metáfora, ela é como um bálsamo, né, não induz o indivíduo a... ao estresse, né? Mais ou menos isto.”

Ele contrapõe a atitude distante e rígida das relações de ensino fora da oficina, comum na atual sociedade, com uma forma de se comunicar por metáforas, por imagens, no seu ponto de vista, isto não induz o indivíduo ao estresse. É uma forma diferente de se expressar, e na sua visão, um novo paradigma, que não deixa o ser humano viver isolado:

“Eu percebo como uma dinâmica que em primeiro me envolve a mim e o outro sou eu também. Na minha expressão, sempre nós somos o todo. Existe um indivíduo no corpo físico separado, mas nós somos um só.”

O seu trabalho é desenvolvido sob o ponto de vista da totalidade. A separação é algo sempre físico, no entanto, esta separação não é toda a realidade, porque todos somos um só. O corpo físico não é o limite, e participar da oficina propicia o encontro de uma liberdade:

“E transmutar ideias, interagir novos paradigmas de... até o próprio trabalho, se acrescentado quando há uma libertação, né, uma liberdade psico.”

A liberdade faz parte do processo vivido na oficina. Ela permite uma interação onde se troquem idéias, e se experimente um novo paradigma. Ele de forma primitiva

coloca que esta liberdade não é apenas no processo, ela é uma liberdade psicológica. Isto, no seu modo de ver, não se contrapõem a disciplina:

“Existe um pouco de... de disciplina que é necessário a disciplina, mas muita liberdade.”

Aqui ele demonstra que liberdade e disciplina não são opostos nas suas oficinas, eles coexistem, e a liberdade é muito valorizada. Isto quebra o padrão que existe fora do ambiente da oficina:

“Então fica uma oficina ampla onde não visa muito o lucro, visa mais o... novos modelos... vou exercitando os antigos modelos de metafísica, né? O início de tudo.”

A oficina não se esgota em si mesma. Ela se expande para o mundo com princípios metafísicos, talvez pré-socráticos, onde não existe uma separação entre sujeito e objeto. Assim, no seu modo de perceber o seu trabalho, ele proporciona um retorno ao início, talvez o início das relações humanas.

Análise do Discurso: Sujeito B

A entrevista do sujeito B. durou cerca de 5 minutos. Faremos com o seu discurso o mesmo que foi realizado com o do sujeito A, a apresentação do relato obedece à ordem cronológica do discurso. A relação dele com o seu instrutor é o primeiro conteúdo abordado:

“Lembro. Fabrício é o instrutor, codinome Zumbi, né?”

A lembrança do nome do seu oficinairo começa a indicar que foi uma relação pessoal, onde houve o reconhecimento do outro como ser humano. Isto é demonstrado novamente quando ele começa a falar da história do seu oficinairo:

“Ele vem da Capoeira Angola que é uma capoeira tradicional, para a gente é a origem da capoeira, assim, a gente tem até um certo respeito espiritual em cima disso tudo.”

Ele fala sobre a história da capoeira, demonstrando que aprendeu conteúdos objetivos, mas não apenas isto, a dimensão espiritual também faz parte do processo de aprendizagem. Ao falar, utiliza a primeira pessoa do plural em sua forma popular: “a gente”, fala dele e do seu instrutor como se estivessem juntos, ou fossem diferentes. Isto tem relação com o tempo de convivência que os dois possuem:

“Eu, como já vinha de uma capoeira antiga e assim, inclusive a gente até participou junto de algumas oficinas, né, fora do Fórum, fora desse período do Fórum,

aí, logo após, quando a gente voltou a estudar, ele veio com uma bagagem boa, ele vinha de... veio de Goiânia trazendo... trazendo conteúdo da capoeira do Mestre - deixa eu ver se eu me lembro – Ratinho...”

Ele já havia estabelecido uma relação significativa com o oficinairo antes do fórum, no entanto, o fórum permitiu que ele dividisse o novo conhecimento adquirido por seu mestre. Ele lembra também o nome do mestre que ensinou o seu. Aqui, sua história individual se confunde com a história do seu oficinairo, isto fica evidente quando ele diz “a gente voltou a estudar”. A oficina vem para fortalecer este processo:

“Então, eu sou suspeito de falar porque eu tenho uma amizade grande, assim, a gente... e fortaleceu, né, a amizade durante as oficinas.”

O fórum é um espaço que permitiu o crescimento da amizade entre os dois. Apesar disto, cada um possui o seu papel:

“E... e como professor o cara é um enjoado, mas enjoado do lado positivo, ele pega no pé para que o aluno aprenda. Eu acho que isso é o ponto, assim, a ser... a ser... como é que fala? Exalta... como é que fala? Especificado...”

A relação é pessoal, mas isto não reduz a responsabilidade do professor diante do aluno, não é algo que torna o processo de ensino mais fácil, ou seja, a intimidade não se contrapõe ao aprendizado do conteúdo.

Discussão

Aqui podemos comparar os 3 diferentes discursos presentes neste trabalho. O de Paulo Freire, o do sujeito A e o do sujeito B. Cada um contribui para a construção de um novo discurso com encontros e desencontros entre os pontos de vista de cada um. Paulo Freire tem uma carreira de respeito e uma prática coerente com o discurso que construiu. O sujeito A, não tem o mesmo reconhecimento e a mesma formação, e, no entanto, realizou um discurso semelhante ao dele. O sujeito B nos fornece a perspectiva do aprendiz, demonstrando o sentido de aprender junto com o seu mestre e nos permite ver se existe uma coerência entre o que é proposto pelo oficinairo e vivido pelo aprendiz.

É interessante que as semelhanças dos discursos não estão na expressão gramatical, Paulo Freire, apesar de sempre escrever de forma oral, comparado com o discurso realizado pelo sujeito A, se expressou da perspectiva de um acadêmico, ele diz:

“A pedagogia do oprimido, como a pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.” (Freire, 1970, p. 46)

Aqui são descritos dois momentos, no primeiro a descoberta através de uma ação consciente que transforma o mundo, o segundo momento é um processo de libertação compartilhado por todos os homens. As oficinas são uma atividade educativa que engloba estes dois momentos, porque ao começar o trabalho ele está comprometido com a transformação da realidade, e a oficina em si, já pode ser

considerada uma realidade transformada onde a pedagogia não é feita com ele, ela é por ele. Ao final do processo, os sujeitos puderam descrever que a relação vivida entre eles era diferente da vivida no início da oficina, o que pode indicar que eles estão vivendo este processo de libertação de uma realidade opressora.

O fórum é uma oportunidade onde os participantes podem expandir a hospedagem da cultura considerada oprimida porque não tinha a possibilidade de existir junto com a cultura invasora, este é um processo ainda mais amoroso de síntese cultural, porque não busca rivalizar com a cultura opressora, busca “apenas” deixá-la de lado, abrindo mais espaço para a cultura popular existir em cada ser humano e em cada comunidade. Ele permite a transformação da dualidade de ser e parecer com o opressor, abrindo uma nova possibilidade de existir, que seja um resgate de uma cultura condizente com a história individual e local. Isto é coerente com o que foi proposto por Paulo Freire: “Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora.” (Freire, 1970, p. 34) Aqui ele fala da importância de um processo de autodescoberta, necessário para uma prática educativa libertadora. Aparentemente foi possível viver isto na oficina realizada pelo sujeito A, porque ele pede para que o trabalho seja executado através uma lógica diferente da usada normalmente, o sentido do movimento é anti-horário exatamente para que a pessoa possa descobrir as diferenças entre o modo de viver dentro e fora da oficina, e formar uma nova cultura, como foi dito por ele. Também ficou muito marcado no discurso do sujeito A que a quebra com o atual paradigma ocorre, porque para ele, o lucro é a convivência entre as pessoas, isto o aproxima bastante de uma pedagogia libertadora no mesmo sentido utilizado por Paulo Freire, que também valorizou o diálogo e o respeito entre os sujeitos do processo educativo, questionando a lógica econômica do capitalismo.

Ao falar do seu trabalho e modo de ver o mundo, o sujeito A diz que o outro também é ele, e este sentimento de unidade e proximidade entre os sujeitos é uma forma de respeitar o outro como ser humano completo, acabando com as barreiras entre papéis exercidos. O sujeito A considera que na sua oficina não existe professor, todos são aprendizes, sempre massageando o aprendiz. É interessante que ele pensa ser necessário fazer esta distinção entre papéis, devido ao conhecimento comum, no imaginário popular o professor é sério e dono de um saber, e exerce uma atividade distinta da realizada pelo seu aluno. Na concepção de Paulo Freire este é um comportamento que deve ser superado através de uma relação que transforme constantemente os papéis de educador e educando. O aprendiz não é algo transmitido, é construído na relação que se estabelece entre os sujeitos envolvidos, portanto, a idéia dele se aproxima da concepção de massagear o aprendiz, já que este não possui uma forma definida. Isto também ocorre de forma sutil com o sujeito B, ao falar que seu mestre também era exigente, se referiu à ele como professor, estabelecendo uma separação sutil entre o companheiro e o professor, o que abre a possibilidade para pensarmos que isto é consequência da imagem que o professor adquiriu no processo de ensino tradicional.

O que ele se refere como novo paradigma, e também como um retorno, no contexto da pedagogia brasileira, pode ser um retorno aos valores propostos por Paulo Freire, porque leva em consideração o respeito a cultura do educando, ao diálogo com respeito e escuta. Isto é feito junto com um olhar crítico para os atuais valores da sociedade, Paulo Freire criou o conceito de educação bancária para descrever as relações humanas padronizadas e impessoais na sociedade em que viveu, enquanto que o sujeito A descreveu uma sociedade orientada ao lucro e estressada, sem tempo para o convívio humano que ele considera verdadeiro. Em primeiro lugar ele visa o lado humano e o convívio, enquanto, como ele descreve, o normal é ter o objetivo do

lucro. Como ele realiza esta quebra, para ele, isto é um novo paradigma, no entanto, podemos levantar a hipótese de ser um retorno aos valores propostos por Paulo Freire, para exercermos uma atividade educativa.

O discurso do sujeito B é importante porque fornece o ponto de vista que muitas vezes não encontramos na literatura tradicional, voltada para o docente, o discurso demonstra que existe uma semelhança clara entre o processo expresso por um oficineiro e o vivido por um aprendiz, mesmo que eles não sejam da mesma oficina, e demonstra que discurso e prática são coerentes em mais de uma oficina. A proximidade desejada é alcançada nos dois pontos de vista, o que nos permite considerar que isto ocorra em outras oficinas do Fórum que não fizeram parte deste estudo.

Durante o processo vivido na oficina parece ter ocorrido um processo de identificação entre os participantes, mais saudável e justo entre os envolvidos. A relação não é baseada na exploração entre os indivíduos, o convívio é o centro desta relação entre dois seres humanos que exercem papéis diferentes, no entanto, complementares e horizontais. Esta nova relação entre iguais, permite a existência de um tipo diferente de liderança, durante a bibliografia podemos encontrar que ainda existe uma separação entre a liderança e o movimento de transformação. Neste caso, por ser um movimento pacífico e politicamente sutil, não parece demonstrar a necessidade de existir a figura de um líder. Talvez isto indique um passo diferente do que foi proposto por Paulo Freire, onde os sujeitos que estão na liderança devem formular uma nova pedagogia com os oprimidos, e fórum é um indicativo que os oprimidos, ao serem organizados formulam uma forma de atuar que é criada por eles mesmos. O sujeito B ainda demonstra como pode ocorrer esta transição entre o mestre e o aprendiz ao longo do tempo. Ele é amigo do seu mestre e se forma junto com ele, assim, abre a possibilidade de continuidade de um saber e de uma transição

entre o papel de líder e povo, de forma sutil, por se configurar numa transição que possui menos visibilidade política.

Isto também é diferente de uma descrição importante que foi realizada por Paulo Freire, ele disse que o povo oprimido agride a si mesmo, não encontrando condições para se unir. Nas oficinas, pudemos observar um ambiente onde isto não ocorre, fora do ambiente exploratório do trabalho tradicional, o povo se comporta de um modo acolhedor norteado pelo respeito e o cuidado humano. O sujeito A deixa isto claro ao assumir uma postura de massageador de conhecimentos, ele apenas toca o conhecimento como todos os outros participantes da oficina, também fica demonstrado quando ele diz que gosta de olhar no olho do seu aprendiz. O sujeito B também demonstra que a relação que possui com o seu mestre é uma relação de amizade, assim, apesar da capoeira poder machucar o outro, no contexto que ele aprende, foi algo que fortaleceu o seu sentimento com relação ao outro.

É interessante notar que isto é um pouco diferente do que era pensado no início deste trabalho, quando esperávamos que o produto feito na oficina fosse o aspecto mais significativo da experiência, por proporcionar que a cultura popular se manifeste. Após as entrevistas vimos que isto não se concretizou, o mais significativo das oficinas foi a convivência que se estabeleceu entre os sujeitos participantes, isto abriu a possibilidade de subjetivismo, mas também abriu a possibilidade de que se estabeleça uma intersubjetividade, já que a partir do relato dos sujeitos, podemos perceber que a relação com o saber objetivo não é negligenciada, ela é um conteúdo tão importante quando a individualidade e a subjetividade de cada um dos envolvidos.

Considerações Finais

Podemos considerar que durante uma oficina do Fórum ocorre um processo de identificação diferente do que ocorre em situações de invasão cultural, porque não ocorre a dicotomia opressor-oprimido entre os sujeitos participantes.

O produto mais significativo das oficinas é a experiência entre os sujeitos envolvidos, o aprendiz demonstrou que o conteúdo também foi parte importante do processo de ensino, no entanto, este aprendizado não pode ser separado da relação que ele estabeleceu com o seu mestre. O espaço do Fórum serviu para fortalecer e solidificar um trabalho que já vinha sendo realizado anteriormente.

Podemos considerar que a prática educativa nas oficinas é coerente com o conceito de práxis proposto por Freire: “Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação.” (Freire, 1970, p. 106)

As oficinas permitem uma pedagogia formada pelos os indivíduos considerados oprimidos e pudemos observar que existem relações na descrição feita pelo sujeito A e nas descrições realizadas por Paulo Freire em suas obras.

A partir deste trabalho não temos informação o suficiente para recriar uma experiência semelhante, pois apenas mencionamos um pequeno aspecto do trabalho realizado que envolve a participação de toda a comunidade. No entanto, temos dados suficientes para refletirmos sobre importância de uma relação pedagógica que considere uma relação de respeito e afeto entre os envolvidos.

Bibliografia

FREIRE, Paulo (1970). *Pedagogia do Oprimido*. 47ª Ed Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008.

FREIRE, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. 29ª Ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 32ª Reimpressão Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009

Anexos

Entrevista sujeito A.

Entrevistador – Hoje então é dia 13 de julho, eu, Luis Felipe Sales Freire, estou aqui com o **Sujeito A** para realizar uma entrevista do meu TCC do Curso de Pedagogia. Então, a gente vai conversar sobre a relação pedagógica no fórum permanente, no Fórum de Cultura Permanen... no Fórum Permanente de Cultura em Alto Paraíso. Então, a gente pode começar. Estamos aqui na casa dele e ele vai me contar sobre o trabalho que ele fez numa oficina. Por favor.

Sujeito A – O meu trabalho...

Entrevistador – Qual... qual oficina, o senhor realiza?

Sujeito A – Eu realizo a oficina Capim Dourado e outras “interação” e... do início que é cultura inicial, que está no metafísica. E... modelo de... de novos paradigmas de oficina é um pouco complexo, diferente da atual... um pouco da atual convencional, o que o convencionalismo atual visa, e... quantidade e lucro. As minhas oficinas, em primeiro lugar, eu visio o lado humano. Primeiro lugar, o convívio um com o outro porque nós “samos” um só em corpos “diferente” e a convivência, eu vejo sempre o produto, o lucro, resultado de uma vivência entre pessoas, formando novas “antropologia”, dando oportunidade o cidadão de se expressar e conviver nova cultura, modelos com cultura...

Entrevistador – Você acha que a sua oficina é uma oportunidade para a pessoa viver, é isso?

Sujeito A – Sim. É não ter. No meu entender, pouco resolve se ganha milhões, “faze” montes de coisas, resolver milhões e o cidadão “vive” encabressado(sic) mentalmente, encabressado(sic) numa sociedade de cabressos(sic) psico(sic). Em primeiro nos libertar dos cabressos(sic)...

Entrevistador – O que é que o senhor entende por cabresso(sic)?

Sujeito A – Cabresso(sic) são prisões de ignorância. Nós usamos, às vezes, pronunciar algo e viver outro. Então, em primeiro lugar, ser autêntico. Nós vivemos...

Entrevistador – Fala um pouquinho, para mim, do material que o senhor trabalha e da atividade que o senhor desenvolve para eu conseguir compreender como é que isso ocorre na prática.

Sujeito A – Sim. Eu trabalho com uma sempre-viva que dá o nome a... a mídia dá o nome de Capim Dourado, mas não é capim, ele é da família da beiraceia(sic), uma sempre-viva douradinha. Capim é da família da grama. E então, a interação do indivíduo costurando anti-horário, que é não estressante. No pacote atual, o horário é estressar. Costurar o anti-horário é acalma-se, a paciência, a tolerância. Então, tanto o elemento na sua... conjunto motor de interagindo com as mãos, mas também consciente do exercício de trabalho que está fazendo.

Entrevistador – Essa é a sua proposta para quem passa pela oficina, é isso?

Sujeito A – Isso. E todas as pessoas que interagem, né? Que muitas das vezes, 10 pessoas passa pela oficina, mas existe um pacote de pessoas por fora, merendeira, que arruma as cadeiras. Então, nós ainda fizemos um curso de 10 pessoas só ali, mas esquece da contribuição dos outros. É quando eu digo que o lado humano... se eu for dar uma oficina e não interagir no elogio à cozinheira, quem

arrumou as cadeiras, quem fez a faxina, fico muito superficial. Então, visando uma parte global de todo o evento, não? E assim da emoção... vem a emoção, o equilíbrio da pessoa através da emoção, num conjunto de coisas que muitas das vezes o trabalho manual fica em vigésimo “prano”. O dinheiro, o resultado do alvos, o dinheiro fica também em vigésimo “prano”. E uma oficina, quando os componentes se deslocam, sai dos seus outros afazeres, ele sai transmutado de... o trabalho como uma terapia, acalma-se a sua psicoesfera com os anelos mentais... Seria, no meu conhecimento, dar uma oficina, interagir com alguém e a pessoa sair estressado, atormentado no dia a dia.

Entrevistador – Fala um pouco mais, exatamente, da sua interação com as pessoas da oficina.

Sujeito A – É olho no olho e sentindo a pessoa como eu, aprendendo com ele, que tudo é interação, nas minhas oficina, não existe professor, existe assim, aprendizes sempre massageando o aprendizado. Aí é quando eu me torno não professor, mas um massagista de aprendizados. Um aprendizado é sempre elástico, novos paradigmas, né? Então, sempre uma interação. Eu complico muito não no ajuntar porque eu... as minhas fala, pode observar que vem muito na metafi... na... com metáforas. A oficina falando em metáforas, gero metáforas, são os novos paradigmas ou parad... para a sociedade humana atual para... novo paradigma onde valoriza mais, onde você não precisa de usar austeridade com ninguém, que a metáfora, ela é como um bálsamo, né, não induz o indivíduo a... ao estresse, né? Mais ou menos isto.

Entrevistador – Como o senhor percebe o seu trabalho, então?

Sujeito A – Eu percebo como uma dinâmica que em primeiro me envolve a mim e o outro sou eu também. Na minha expressão, sempre nós somos o todo. Existe um indivíduo no corpo físico separado, mas nós somos um só.

Entrevistador – Então, a oficina é um momento onde você pode se juntar com o outro, é isso?

Sujeito A – E transmutar ideias, interagir novos paradigmas de... até o próprio trabalho, se acrescentado quando há uma libertação, né, uma liberdade psico.

Entrevistador – Hum, hum.

Sujeito A – Surgindo de todos os cabressos(sic). E que muitas vezes leva o indivíduo ao estresse, né?

Entrevistador – O senhor tem mais alguma coisa para falar sobre como acontece essa sua relação com os alunos, sobre o seu trabalho em si?

Sujeito A – Existe um pouco de... de disciplina que é necessário a disciplina, mas muita liberdade.

Entrevistador – Me fala um pouco, então, dessa relação entre a disciplina e a liberdade, que o senhor mencionou.

Sujeito A – A disciplina de horário, comportamento de postura de sentar... com a coluna reta, a posição de... de... porque o indivíduo, se ele não estiver com a coluna reta, o modo de sentar para interagir com o trabalho, ele vem o desgaste físico, entra numa parafernália de... através de um curso que é Capim Dourado que é chapeis ou... tanto tradicional como oriental, mas entra uma parafernália que entra um proceder de alimentar, de comportamento de estar sentado, interar... comportamento

de caminhar. Então fica uma oficina ampla onde não visa muito o lucro, visa mais o... novos modelos... vou exercitando os antigos modelos de metafísica, né? O início de tudo.

Entrevistador – O senhor tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de falar?

Sujeito A – Olha, eu sinto bem-estar diante de você e expressando alguma coisa que pode contribuir para algo de alguém que vai me ouvir e ao mesmo tempo sendo beneficiado no... nessa oportunidade, né, de interagir com a minha simples fala... em prol do todo.

Entrevistador – Muito obrigada, eu te garanto que eu estou sendo muito beneficiado também.

Sujeito A – Então...

Entrevistador – Muito obrigado.

Entrevista sujeito B.

Entrevistador – Hoje é dia 21 de julho de 2010, eu, Luis Felipe Teixeira de Sales Freire, vou entrevistar o...

Sujeito B – Sujeito B.

Entrevistador – Sujeito B, mais conhecido como Buriti [risos] sobre o meu TCC para eu... para o Curso de Pedagogia da PUC-São Paulo que o tema é A relação

pedagógica no Fórum Permanente de Cultura em Alto Paraíso. Então, a gente está realizando a entrevista aqui na prefeitura. Então, Sujeito B, eu gostaria que você me falasse qual oficina você passou.

Sujeito B – Então, eu tive presente em várias oficinas, mas hoje a gente vai falar especificamente da capoeira.

Entrevistador – Tá, legal.

Sujeito B – Legal. E assim, o que você quer saber dentro do âmbito da... dessa oficina que foi dada?

Entrevistador – Então, você lembra o nome do seu instrutor oficinairo?

Sujeito B – Lembro. Fabrício é o instrutor, codinome Zumbi, né?

Entrevistador – [risos]

Sujeito B – Ele vem da Capoeira Angola que é uma capoeira tradicional, para a gente é a origem da capoeira, assim, a gente tem até um certo respeito espiritual em cima disso tudo. Eu, como já vinha de uma capoeira antiga e assim, inclusive a gente até participou junto de algumas oficinas, né, fora do Fórum, fora desse período do Fórum, aí, logo após, quando a gente voltou a estudar, ele veio com uma bagagem boa, ele vinha de... veio de Goiânia trazendo... trazendo conteúdo da capoeira do Mestre - deixa eu ver se eu me lembro – Ratinho...

Entrevistador – Hum, hum.

Sujeito B – Que é uma capoeira boa também que tem em Angola... que tem de Angola, em Goiânia.

Entrevistador – Hum, hum.

Sujeito B – Então, assim, a bagagem foi extensa. A gente aprendeu, um pouco, a valorizar a história, não só o jogo em si, né?

Entrevistador – Hum, hum.

Sujeito B – Mas o Fabrício, ele frisa muito, assim, a história, ele gosta de pegar e... a bateria, a bateria também que tem um ponto importante, assim, porque cada ritmo, ela induz um tipo de jogo e isso aí. Foi uma parte, assim, do conteúdo bem legal, assim, quem... de informação, né, assim, pra quem... até para quem não sabia, que estava junto, assim, o pessoal que estava começando, e para quem já sabe um pouquinho já é um... um complemento, né, na bagagem da história da capoeira, assim. E vai indo.

Entrevistador – Como você sentiu essa sua relação com ele, assim?

Sujeito B – Então, eu sou suspeito de falar porque eu tenho uma amizade grande, assim, a gente... e fortaleceu, né, a amizade durante as oficinas.

Entrevistador – Hum, hum.

Sujeito B – E... e como professor o cara é um enjoado, mas enjoado do lado positivo, ele pega no pé para que o aluno aprenda. Eu acho que isso é o ponto, assim, a ser... a ser... como é que fala? Exalta... como é que fala? Especificado...

Entrevistador – Ressaltado.

Sujeito B – Valorizado? Ressaltado. É.

Entrevistador – Legal. Tem mais alguma coisa que durante a oficina te chamou a atenção? Mais alguma coisa da sua relação com ele que você queria colocar, que você acha que foi significativa durante essa sua experiência na oficina?

Sujeito B – Tá. Como eu havia dito, foi a parte teórica, assim, porque geralmente quando você vai para uma roda de capoeira, você tem o aspecto... é... marcial, né? Hoje em dia no Brasil tem... todo o mundo enxerga assim, tipo, você chegou numa roda de capoeira, Ah, é marcial, uma luta. Aí outros vêm, Ah, é uma dança. Isso é superficialmente, né? Porque, antes de tudo, é um ritual. Então, o que eu gostei e o que eu gosto, assim, nas aulas dele é essa informação, dele estar sempre buscando o lado mesmo, que a gente fala rutes(sic), né, que é o lado bem primitivo da capoeira, que é a parte espiritual, né? Como eu havia dizendo, cada ritmo, ele induz um tipo de jogo. Então, isso fica inconsciente porque você toca o ritmo – eu sou percussionista – você toca o ritmo, a pessoa vai dançar conforme a música, né? Então, eu acho que para mim, assim, o que mais me tocou e toca sempre quando eu vou numa roda de capoeira, independente do mestre, de quem está lá, é essa parte da história, do ritmo, é esse... esse entender, né?

Entrevistador – Hum, hum.

Sujeito B – E para mim foi... é isso.

Entrevistador – Ah, tá ótimo, obrigado.

Sujeito B – Nada. [risos]

Entrevistador – Deixa eu ver se foi?